



WWW.CDDMOZ.ORG

POLÍTICA MOÇAMBICANA

Segunda - feira, 20 de Janeiro de 2025 | Ano VI, n.º 661 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | www.cddmoz.org

Esquadrões da Morte à Solta em Moçambique

- Moçambique vive hoje um dos períodos mais sombrios da sua história recente, marcado pela actuação impiedosa de esquadrões da morte que se espalham por todo o território nacional. Esses grupos, operando sob a sombra do sector securitário do Estado, têm como alvo principal jovens que, segundo rumores, seriam a “espinha dorsal” por detrás das manifestações desencadeadas após as eleições de outubro de 2024. Estas eleições, amplamente contestadas, mergulharam o país numa crise política e numa onda de violência sem precedentes.



Créditos: TVerdade

Esquadrões da Morte: Uma Tradição Sombria no Contexto Político Moçambicano

A existência de esquadrões da morte em Moçambique não é novidade. Desde o governo de Joaquim Chissano até aos mandatos de Armando Guebuza e Filipe Nyusi, esses grupos operaram como ferramentas de intimidação e silenciamento de opositores. Inicialmente, as suas actividades em Maputo visavam “queimar arquivos”, eliminando pessoas envolvidas em esquemas de corrupção ou que possuíam informações sensíveis sobre o governo. Os actos eram realizados de

forma discreta, muitas vezes na calada da noite, em locais como o campo do Costa do Sol e, mais tarde, na região de Chihango.

Fora da capital, os esquadrões focavam em eliminar membros da Renamo nos distritos, considerados pilares da sua força eleitoral. Nas províncias de Manica, Gaza, Sofala, Zambézia e Nampula, muitos simpatizantes e militantes do partido opositor foram mortos, forçando alguns a buscar refúgio em igrejas, enquanto as suas famílias eram perseguidas.

A Intensificação da Violência no Consulado de Nyusi

A actuação dos esquadrões tornou-se mais alarmante nos últimos dez anos, particularmente durante o mandato de Filipe Nyusi. Em 2015, logo após assumir a presidência, o professor Gilles Cistac, um intelectual que defendia a descentralização, uma exigência da Renamo para pôr fim à guerra, foi brutalmente assassinado. A partir daí, iniciou-se uma escalada de ataques a jornalistas, defensores de direitos humanos e observadores eleitorais.

O assassinato do activista e observador eleitoral Anastácio Matavel em 7 de Outubro de 2019, crivado por 11 balas em plena luz do dia na cidade de Xai-Xai, em Gaza, marcou um ponto crítico. Executado pelas forças de segurança do Estado, o crime exemplificou como o aparato securitário era utilizado para silenciar vozes críticas, principalmente durante períodos eleitorais.

Estrutura e Actuação dos Esquadrões da Morte

Actualmente, os esquadrões da morte operam em diversas províncias, incluindo Zambézia, Nampula, Sofala, Manica e Cabo Delgado. Comandados a partir de esquadras estratégicas, esses grupos, compostos por cerca de 300 homens armados, actuam de forma coordenada para eliminar jovens que supostamente participaram na organização das manifestações. As vítimas são frequentemente retiradas das suas casas à noite, assassinadas e, em muitos casos, os seus corpos desaparecem em latrinas ou áreas remotas.

Bairros como Polana Caniço, T3 e Luis Cabral, na cidade de Maputo, estão entre os mais aterrorizados, enquanto o corredor entre Pemba e Montepuez, em Cabo Delgado, se tornou um epicentro de execuções

2024: O Ano da Escalada da Violência

O ano de 2024 testemunhou o ápice dessa violência. Informações sobre alvos a serem eliminados passaram a circular abertamente nas redes sociais, numa afronta directa à sociedade e à comunidade internacional. O caso do advogado Elvino Dias e do político Paulo Guambe é emblemático: ambos foram mortos a tiros, num acto que já havia sido anunciado previamente em redes sociais por figuras próximas ao poder.

A tomada de posse do Presidente da República, Daniel Chapo, em 15 Janeiro de 2025, foi

acompanhada por actos de repressão brutais, incluindo o assassinato de três jovens na madrugada do evento. Trata-se de Stephen Diogo Siteo, Abubacar Ibraimo Massual e Nomenene Tamare Siteo.

Estes jovens foram mortos por um esquadrão da morte ligado à Unidade de Intervenção Rápida (UIR), uma subunidade da Polícia da República de Moçambique, reforçando a percepção de que esses grupos agem com total impunidade.



Conclusão

Os esquadrões da morte representam uma grave ameaça à democracia e aos direitos humanos em Moçambique. Enquanto o direito constitucional à manifestação é suprimido de forma violenta, a comunidade internacional assiste com preocupação a deterioração do Estado de Direito no país. O presidente Chapo tem diante de si uma escolha histórica: combater essa herança de terror ou perpetuar um sistema que já ceifou vidas demais. O tempo dirá se ele será lembrado como um líder que trouxe esperança ou como mais um que deixou a violência prevalecer.

O Papel do Presidente Chapo: Desmantelar ou Continuar?

A questão que se coloca agora é se o presidente Daniel Chapo terá a coragem e a determinação de desmantelar esses grupos de extermínio, que operam como uma máquina de terror estatal, ou se permitirá que a violência continue. A sociedade moçambicana exige respostas e acções concretas para pôr fim a essa prática cruel e sistemática.



Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autores: CDD
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

Twitter: CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: http://www.cddmoz.org

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

